

DIDÁTICA APLICADA AO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: O DESAFIO DE ENSINAR FILOSOFIA A QUEM NÃO ESTÁ DISPOSTO A PENSAR O PENSAMENTO

Sérgio Rodrigues de Souza

Faculdades Integradas Reunidas da Serra (FAIRE), sergiorodrigues52@hotmail.com

Sandro Dau

Faculdades Integradas São Pedro (FAESA), sandrodau2008@gmail.com

RESUMO: Este artigo aborda a temática acerca da 'didática e do ensino de filosofia no ensino médio. Sua relevância científica destaca-se pelo fato de apresentar ao meio acadêmico uma discussão ampla acerca de um objeto de trabalho que necessita de maior atenção por parte dos professores da área de Filosofia tanto no aspecto daquilo que será ensinado como de desenvolvimento de técnicas, métodos e didática que impulse o interesse por parte dos alunos do Ensino Médio pela disciplina. Destaca sua relevância social como sendo de interesse da sociedade que a escola forme indivíduos mais aptos para desenvolver o raciocínio amplo, a autonomia e o senso crítico acurado. O objetivo geral é promover uma discussão em torno do ensino de Filosofia para os estudantes do Ensino Médio. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, factual, analítica, assumindo o enfoque materialista-dialético como método investigativo. Conclui-se que ensinar a pensar está entre as tarefas mais difíceis vinculadas aos processos educativos do ensino e da aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Ensino Médio; Filosofia; Pensar.

THE PHILOSOPHY OF EDUCATION IN SECONDARY EDUCATION: THE TEACH CHALLENGE PHILOSOPHY WHO IS NOT WILLING TO THINK THOUGHTS

ABSTRACT: This article deals with the theme of 'teaching and teaching philosophy in high school. Its scientific relevance is distinguished by the fact that it presents to the academic community a broad discussion about an object of work that needs greater attention on the part of the professors of the Philosophy area, both in the aspect of what will be taught and in the development of techniques, methods and That promotes the interest of the students of the High School through the discipline. It emphasizes its social relevance as being of interest to society that the school should form individuals better able to develop broad reasoning, autonomy and accurate critical sense. The general objective is to promote a discussion around Philosophy teaching for high school students. It is a bibliographical, factual, analytical research, assuming the materialist-dialectical approach as an investigative method. It is concluded that teaching to think is among the most difficult tasks linked to the educational processes of teaching and learning.

Keywords: : Philosophy of Education; High school; Philosophy; Think.

Introdução

O pensamento filosófico é uma condição profunda de quem deseja ir além de suas potencialidades comuns e ultrapassar os valores dados como verdadeiros pelo senso comum. Esta condição não é alcançada pelo mero ato de pensar sobre uma coisa ou outra, mas de concentrar em um determinado paradigma e tentar chegar a um denominador que torne possível sua compreensão fazendo uso de ferramentas teóricas e empíricas de maneira que o ensino de filosofia voltado para os anos finais da Educação Básica (Ensino Médio) tem como objetivo preparar o estudante para uma condição de análise de suas vivências sociais e como o mundo que o cerca, com todas as suas nuances e problemas pode ser interpretado e descrito.

Ensinar filosofia é uma ação um tanto complexa, mas que não chega ao limite de ser impossível. Porém, ensinar alguém a filosofar, a encontrar um parâmetro sobre o qual queira deleitar-se e elaborar conjunturas as mais variadas é uma tarefa que pode-se eleger como sendo bem próxima da impossibilidade, porque poucos são os indivíduos que estão preparados para confrontarem a si mesmos e estarem em harmonia com tal ação individual. Isto pressupõe que falta um aprofundamento em suas condições de autodisciplina cognitiva e intelectual, coisas que não tem como ser ensinadas em uma ala de aula com tempo contado para exposição de conteúdos dentro de um currículo pré-programado.

Filosofar presume partir do pressuposto de pensar o pensamento já pensado e sobre ele construir novas estruturas e/ou destruir as que confrontam com o saber individual para construir novas redes de conexões mentais tendo como ferramentas os saberes já elaborados por teóricos que pensaram as coisas e as expuseram dentro de um sistema de encadeamentos lógicos capazes de desafiar o que se julga verdade ou mentira. Portanto, temos como conceito para o ato de filosofar, o conflito entre pensamentos considerados como paradigmas, ou seja,

conceitos adotados e considerados como válidos pela academia.

A situação torna-se mais complexa quando tem-se que ensinar tais valores a indivíduos que, naturalmente, já encontram-se em conflito com os valores dados pelo mundo e introjetados por meio da cultura (familiar, social, escolar). Para estes, os adolescentes, estudantes do Ensino Médio, o fato de isolarem-se dentro de seus mundos não está atrelado a uma técnica de autoconhecimento, mas sim de momentos de depressão e auto exclusão do mundo exterior. E, para agravar esta situação particular, seu mundo intrínseco é marcado por uma relação ambígua de amor e ódio por um objeto ao qual deseja libertar-se, mas não tem a devida coragem e nem forças para enfrentar caso ela ocorra.

Neste campo de conflitos surreais, como o professor pode agir para que seu intento que é o de ensinar a pensar o pensamento possa ser alcançado? Sabendo que o seu êxito vai depender de seu objeto de trabalho e não somente de seu potencial didático ou expertise sobre o assunto a ser tratado. Tal porque se este não apresenta desejo por um aprofundamento nos campos mais infinitos da discussão acadêmica não haverá possibilidade de engendrar uma concatenação de ideias e questionamentos cada vez mais provocativos e em que cada pergunta lança luz sobre novas e nunca sobre qualquer possibilidade de uma resposta exata e finita.

Agrega a todo este mal estar científico o fato de os estudantes do Ensino Médio serem vítimas indefesas de professores do Ensino Fundamental que não perderam tempo de dizer-lhes durante 10 anos (dos 4 anos aos 14 anos de idade) que filosofia é coisa de doido, que todo filósofo é louco, ou que acabou louco, internado em hospício de tanto estudar e pensar sobre coisas sem sentido; por fim, são pessoas que só servem para complicar a vida dos outros. Este filme de terror passado durante uma década inteira na mente da criança leva, ao final, à produção de um adulto avesso ao ensino de

Filosofia, não porque não goste ou não tenha interesse, mas é que o medo de terminar como os homens de ciências da história que a professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental contava acerca dos mesmos destrói qualquer desejo de conhecer o que está para além do conhecido.

Lógico que tal discurso não foi gestado na cabeça daquela professora que atuava com muita competência nos *Anos Iniciais da Educação Básica*. Ele foi elaborado pelos gênios do cristianismo que queriam evitar que o povo entendesse suas manobras de controle absoluto sobre o povo e com a queda do poder da Igreja nasceu o poderio dos políticos que embora discordem dos evangélicos, seus desejos de controle sobre o povo conflitam diretamente com estes e para manter tal situação de abuso contra a vontade popular somente controlando o que pensam e mesmo impedindo-os de realizar tal ação. Logo, o discurso que serviu à ideologia da Igreja por séculos foi adotado pelo poderio político estatal e isto amplia a discussão de que ensinar Filosofia para o Ensino Médio é uma tarefa árdua, desgastante, porque surgem perguntas as mais variadas e nenhuma delas tem sequer ligação com os conteúdos trabalhados. Isto acaba se tornando nada mais que cumprir um *Trabalho de Sísifo* para alienados.

Propõe-se, com este artigo elaborar uma reflexão sobre o ensino de Filosofia para estudantes do Ensino Médio das escolas regulares, na tentativa de compreender quais são os elementos mais agravantes que têm impedido que os objetivos propostos possam ser alcançados pelos professores.

O ensino de Filosofia

O ensino de filosofia, no Brasil, na educação básica, é um ensino fragmentado, carregado de ideologia contrária ao sentido da matéria. Isto ocorre porque não há a menor seriedade e compromisso com a modalidade, sendo realizada por professores sem formação específica na área e ainda pior do que isto que trazem em suas bagagens as premissas cristianas como verdades absolutas e a ideia concreta de que

todo filósofo é ateu, logo, suas ideias devem ser combatidas da mesma forma e fervor com que são contestadas nos púlpitos das igrejas.

Geralmente, este professor está ali cumprindo uma extensão de carga horária, simplesmente, com o objetivo de aumentar sua renda salarial. Na verdade ele está ali cometendo um crime hediondo, uma tortura contra uma ciência que não tem como defender-se de seus ataques selvagens. Mesmo alguns professores com formação específica em Filosofia cursaram esta área porque como há déficit de professores eles viram uma oportunidade de terem mais um espaço no mercado docente, ou seja, buscaram com a formação um diploma e não uma transformação cognitiva, epistemológica e intelectual, tendo em vista a formação integral de outros indivíduos. Aliás, sua missão é salvar a alma de seus alunos, prevenindo-os para defenderem-se das *mentiras* contadas pela ciência. Obviamente que, um ensino deturpado pela visão pessoal e pelo dogmatismo, somente, será capaz de produzir uma aprendizagem, de igual forma, deformada e caótica.

O ensino de Filosofia não tem a intenção de fazer lavagem cerebral em ninguém; sendo seu objetivo principal, promover avanços nos processos de conhecimento acerca do homem, do indivíduo pensante como um ser em constante possibilidade de transformação consciente da mesma e das implicações que esta pode ou não trazer para sua vida. Segundo Dimenstein, Strecker e Giansanti (2008, p.03) “a filosofia dispõe de recursos valiosos para fornecer ao estudante conhecimentos sólidos e permanentes, que ultrapassam a informação superficial e efêmera.”

Toda a informação disponível aos indivíduos passaram, antes, por filtros que deram-lhe um viés ou outro de caracterização ideológica conforme seu tempo, cultura, sociedade que ajuda a compô-la. Portanto, quando parte-se em busca de uma análise crítica e profunda dos elementos que compõe o todo, percebe-se que as nuances que os fazem serem

reais estão fundamentadas em pré-conceitos e julgamentos de valores sem nenhuma base epistemológica sólida. O medo que foi imputado nas pessoas de estudarem os conceitos filosóficos as faz criar explicações as mais inusitadas que ao indivíduo menos preparado tem um ar doutoral e uma profundidade capaz de fazer acreditar em suas sandices. Tudo isto é um escudo criado para as protegerem contra a terrível maldição que o estudo da Filosofia traz consigo: a loucura iminente.

Sendo assim, o ensino de Filosofia nas escolas deveria ser realizado por profissionais de ampla formação acadêmica e vasta produção científica na área de forma a motivar os alunos a desenvolver suas potencialidades críticas, diretrizes de conhecimento e compromisso com os saberes próprios e dos estudantes. Neste sentido,

Faz-se necessário para a aplicação dos conhecimentos filosóficos na prática do cotidiano, profissionais formados e capacitados na área de conhecimento que possuam fundamentação teórica necessária, além de metodologia adequada para que os educandos percebam o poder transformador da filosofia (LUZ e ESPÍRITO SANTO, 2012, p.311).

Aqui, os autores citados trazem outra questão problemática para o ensino de Filosofia que é a questão da metodologia de ensino utilizada. Isto quando possuem e/ou utilizam alguma. Geralmente, a que mais faz parte das aulas são os discursos moralizantes e de ódio contra os pensadores que ousaram questionar os valores postos como verdadeiros pela religião cristã romana. Tais professores não sabem discernir o pensamento do indivíduo pensante e acabam por transformar um conflito de ideias em conflito de interesses o que leva os alunos a repudiarem toda e qualquer ideia que venha de determinado autor. Isto conduz a uma negação do saber científico acumulado ao longo de intermináveis horas de pesquisa e, às vezes, anos

de investigação empírica e reflexões, análises, interpretações, deduções, para chegar a um resultado próximo a uma verdade aceitável em favor do senso comum; em favor de um saber que *não conflita com os interesses da fé religiosa*.

Tem-se que, colocado desta forma, o ensino de Filosofia é um mero objeto que tem como objetivo preencher um espaço aberto no currículo, desde que não interfira nos ditames da ordem cósmica dada como verdadeira e inquestionável, ou seja, a Filosofia que sempre foi um instrumento de libertação do ser humano de suas cadeias intelectuais é transformada, ela própria em uma cadeia, um labirinto de alienação posta a serviço do ideal dominante. E não é a este aspecto que tem-se o anelo de ensinar Filosofia porque se o faz tem-se a finalidade última de proporcionar um fazer em filosofia, o próprio ato em si. E, neste quesito Lipman (1990, p.61) revela que,

O fazer filosofia exige conversação, diálogo e comunidade, que não são compatíveis com o que se requer na sala de aula tradicional. A filosofia impõe que a classe se converta numa comunidade de investigação, onde estudantes e professores possam conversar como pessoas e membros da mesma comunidade; onde possam ler juntos, apossar-se das ideias conjuntamente, construir sobre as ideias dos outros; onde possam pensar independentemente, procurar razões para seus pontos de vista, explorar suas pressuposições; e possam trazer para suas vidas uma nova percepção de o que é descobrir, inventar, interpretar e criticar.

Com isto fica evidente que o seu ensino perpassa pela compreensão individual do que seja uma autoanálise e quais os motivos que levam o professor a dedicar-se de uma forma e o aluno a aceitar ou resisti/refutar seus pensamentos expostos em sala de aula. O que não pode-se perder de vista é que a reflexão é tão pertinente à vida ao ponto de Sócrates dizer que uma vida sem este exame não pode ser considerada como digna

de ser vivida (*apud* Platão, 2014). Toma-se tal assertiva para defender o ensino de Filosofia como uma forma não só de ter-se um mundo melhor ou para ter um ser humano em melhores condições de vivência com seus iguais, mas antes de tudo isto para ter um indivíduo com melhores condições de convivência consigo mesmo.

O ensino de Filosofia no ensino médio

O ensino de Filosofia no Ensino Médio tem a intenção de preparar o jovem, adolescente, para as discussões mais amplas que a sociedade há de colocar-lhe, ele que está na fase em que deve buscar um espaço que possa considerar como sendo seu entre os adultos. A maior necessidade para que se possa realizar a ação de aprender filosofia e mesmo vir a filosofar, ainda que de modo simples é alcançar a possibilidade do *pensamento abstrato*, este caracterizado como o mais alto nível entre os processos mentais superiores.

Segundo a teoria de Jean Piaget (1896 - 1980) é a partir da adolescência que o ser humano atinge a capacidade de realizar a abstração de maneira ampla, dado um misto de amadurecimento biológico e psicológico. Isto ajudaria a compreender o motivo de se ofertar a disciplina a partir deste nível educacional. Mas, em nenhum momento esclarece o fato de não ser ela ofertada no Ensino Fundamental, uma vez que neste período é construído todo um discurso negativo e nefasto contra a ciência, fazendo com que ao serem apresentados a ela, os alunos já possuem uma resistência quase natural a tudo que será posto pelo professor.

Sendo desta forma, o ensino de Filosofia nos anos finais da Educação Básica torna-se um ato de continuidade inútil, porque os estudantes já têm uma defesa pronta contra tudo que for-lhes ofertado. Já sabem o que significa todo o sistema simbólico que envolve as teorias dos pensadores e não concordam com eles porque está escrito em um livro único que traz em suas páginas toda a verdade dada sobre tudo o que

existe na Terra, portanto, estudar algo inútil às suas vidas é tarefa que não merece o menor esforço de suas partes. A *Tia dos Anos Iniciais* já lhes ensinou o que *deve* e o que *não deve* ser discutido em qualquer hipótese, logo, não importa a relevância do assunto, tais não podem e não devem ser tratados.

Se não está incluso o ensino de Filosofia nos anos iniciais e intermediários da Educação Básica, tanto não poderia ser permitido a expressão de idéias bizarras para as crianças por parte de professores que em sua bagagem acadêmica não tem nada mais que preconceitos e falta de domínio técnico sobre matérias complexas e fora de seus alcances intelectuais. Porque uma vez chegados ao momento de estudos acerca dos conteúdos filosóficos, não teriam pré-conceitos acerca daquilo de que nada entendem ou que nunca estudaram, de fato.

Na concepção de Luz e Espírito Santo (2012),

A inserção do ensino da filosofia no Ensino Médio se afirma como um saber capaz de provocar interrelação entre as áreas do conhecimento, inquietações, reflexões e mudanças necessárias para a construção da autonomia do educando. Cabendo aos licenciados na área a estimular nos educandos as condições necessárias para a reflexão filosófica (p.313).

Este é que caracteriza-se como o mais profundo desafio do ensino de filosofia: Ter professores com a devida capacidade técnica para pensar e expor as condições para que se possa alcançar o nível desejado de abstração intelectual em torno das ideias e dos problemas colocados pela sociedade moderna, uma vez que não trata-se de discutir tais enlacs, há que apresentar propostas que possibilitem avanços nas estratégias. E toda vez que um professor fecha uma discussão científica com a sentença de que não há solução para o mal debatido, cerceia a possibilidade de avanços cognitivos, epistemológicos e intelectuais de seus estudantes.

Para Horn (2000, p.29/30) “o ensino de filosofia no ensino médio tem se limitado a repassar e reproduzir conhecimentos estáticos e acabados, bem como concepções e verdades absolutas que inviabilizam o processo de ação e reflexão do homem sobre o mundo e sobre sua própria existência.” E acaba sendo esta forma de ensino mecânica e desprovida de sentido o que mais provoca o desprezo pela disciplina em si e tudo que a envolve. A solução para tal problema partiria de programas que formassem de maneira mais profunda os profissionais que desejassem habilitar-se para ministrar tal ensino. Não se trata, tão somente, de dominar os conteúdos pragmáticos, o professor deve envolver-se no que está a ensinar, impregnar-se do saber e transformá-lo em conhecimento junto com seus alunos, negando o repasse mecânico de teorias desvinculadas da realidade intelecto-cognitiva.

Horn prolonga sua preleção e afirma que,

É nesse repasse mecânico de teorias desarticuladas da realidade que reside, em boa parte, a problemática do ensino de filosofia. A superação de tal concepção reducionista exige uma revisão da perspectiva conteudista e reprodutivista que norteia essa disciplina. Tais quais as demais disciplinas, a filosofia carrega em si a possibilidade de desenvolver no homem sua estrutura cognitiva e intelectual, isto é, formar para a vivência social, cultural e política (2000, p.29/30).

Há uma distancia muito grande entre o que é planejado e o que é, de fato, aplicado, à educação no País. De um lado, tem-se uma proposta pedagógica encantadora, do outro, tem-se uma prática, totalmente, desvinculada dos objetivos propostos, *a priori*, pelos administradores. Alegar que a Filosofia tem potencial de desenvolvimento do senso crítico dos estudantes, levando-os a patamares mais elevados do pensamento é fato, desde que, sejam estimulados e compreendidos em suas dificuldades de assimilar a realidade tal e qual a vivem.

Na década de 1960, o ensino de filosofia nas escolas ficou à margem da educação formal, pouco difundido e quase que esquecido. Isto se deve ao momento político que o Brasil atravessava em que já havia uma efervescência de ideias liberais que não agradavam ao governo. Em 1964, com a tomada do poder pelos militares consolida a abstinência filosófica nas salas de aula do Ensino Médio (antigo 2º Grau). Em 1961, com a Lei no 4.024/61, a Filosofia deixa de ser disciplina obrigatória curricular e em 1971, com a sanção da Lei nº 5.692/71 é, definitivamente, excluída do currículo escolar oficial (BRASIL, 2006). Valls discutindo esta temática, afirma que “a Filosofia, principalmente na segunda metade dos anos 60, tornou-se indesejável, passou a ser considerada pernicioso, subversivo” (1983, p.42). Isto porque os movimentos contra o governo intensificados a partir de 1968 deixou-o avesso a qualquer tipo de *inteligência* que pudesse, de uma maneira ou outra conduzir ou provocar algum tipo de incitação à rebelião a partir da Escola Regular, seguindo o modelo da universidade que já estava sendo de difícil controle por parte das forças repressoras.

Mesmo que após mais de três décadas de exclusão, ela volta, porém, tratada como disciplina transversal e não como uma ciência autônoma dentro do contexto de suas congêneres. Apenas em 2006, uma década após a Lei 9394 de 1996 restituir sua inserção no currículo oficial escolar que será elaborado parâmetros curriculares a fim de orientar o trabalho dos professores.

Desta maneira nota-se que falta amadurecimento ao ensino da disciplina e esta distância entre o idealizado e o realizado/alcançado não provém do hiato histórico que a manteve fora dos círculos de discussão didático, mas em especial pela baixa qualidade intelecto-cognitiva daqueles que se dispõem a ministrar as aulas. Alia-se a isto, o tempo, infinitamente curto para desenvolver, ampliar e discutir ideias de cunho teórico e metodológico sobre qual ou quais os melhores

caminhos a tomar na elaboração dos processos mentais superiores. Portanto, o ensino de Filosofia para o Ensino Médio é nada mais que o cumprimento de uma agenda ideológica, mais motivada pelo desejo de contrapor aos ditames da ditadura do que parte de um projeto de excelência com vistas a formar cidadãos com uma visão mais ampla da vida e marcada por uma fundamentação de real valor acerca do que seja fazer parte de um cenário político humano.

O ensino de Filosofia como uma forma de pensar o pensamento

Ao expressar a filosofia como um campo científico onde são debatidas ideias e propostas de crescimento cognitivo intelectual, deve-se antes partir para a formulação de um conceito que promete ampliar, subsidiar e fundamentar todos os outros, que seria por qual motivo haveria o homem, necessidade de ser educado filosoficamente. O que justifica tal investidura neste campo de formação?

Tendo tal pergunta como eixo norteador pode-se passar à compreensão dos valores dados a toda a extensão humana que ao nascer vem ao mundo como uma *tabula rasa*, desprovido de qualquer condição de sobrevivência, como bem o retrata Aristóteles de Estagira (384 a.C. - 322 a.C.), em sua obra *A Política*; John Locke (1632 - 1704), em sua obra *Ensaio Acerca do Entendimento Humano* (1690) e Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778), em sua obra *Emílio ou da Educação* (1762). E tal condição não está ligada somente ao fator biológico, que envolve a questão da nutrição e os cuidados básicos de higiene, mas ligam-se, de igual forma aos aspectos psicológicos que compõem a essência humana e colaboram na formação total do escopo humano.

Neste mesmo sentido epistemológico Demerval Saviani complementa que “o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir, para saber querer, agir ou avaliar

é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo” (SAVIANI, 2005, p.07), porém, isto não implica em uma ação pedagógica desvinculada de sua função mais ampla e característica do gênero humano que é a de realizar a ação complexa de pensar, aliada aos processos de análise, interpretação e compreensão do que foi pensado, partindo do fato de que pensar implica na árdua tarefa de transformar ideias abstratas em imagens perceptíveis, ou seja, codificar algo de forma que possa ser decodificado por outros em situações análogas ou alheias. Por este motivo não pode ser realizada de maneira ébria ou sem um devido acompanhamento com a finalidade de dirigi-lo a um fim útil ao indivíduo e ao conjunto social, ao qual faz parte. É a partir deste escopo social, a cultura que vai surgindo o pensamento abstrato, os confrontos dos saberes e as miscigenações que mais tarde dão origem aos pensamentos híbridos.

A criança, até ir para a escola pensa igual aos seus pais; a partir daí muda os rumos de sua linha de pensamento e já toma as posições da *Tia dos Anos Iniciais* e até por volta do final do Ensino Fundamental divide-se entre os valores religiosos, os dos pais, os da *Tia* e, o terror começa a manifestar para ele a partir do seu ingresso no Ensino Médio quando já acredita ser dotado de conceitos próprios sobre o mundo que o envolve.

Gramsci dizia que o que une ou diferencia os homens são exatamente aquilo que pensam. Neste período para os jovens-adolescentes começam a formação de grupos que acontecem de acordo com seus respectivos objetos de amor e ódio e seus conceitos sobre os mesmos, portanto, temos a confirmação da teoria gramsciana de que “não o pensamento, mas o que realmente se pensa une ou diferencia os homens” (GRAMSCI, 1966, p.40). Nesta diferenciação intelectual surgem os diferentes grupos cada qual com o desejo de difundir seus pensamentos a outros grupos, porém, antes disto devem realizar a árdua tarefa de aprender a pensar o pensamento, pois é a partir de tal ação que serão capazes de formar, formular e reformular suas personalidades intrínsecas e

extrínsecas.

A atividade filosófica pressupõe, em seu ato de pensar o pensamento, a formulação da reflexão, que em seu sentido semântico quer dizer, *voltar atrás*, ou seja, literalmente, debruçar sobre o que já elaborado, não apenas pelos autores clássicos, mas como pelo próprio indivíduo em sua ação cotidiana das mais simples as mais complexas. E neste ato simbólico de discutir o que se passa em seu cognitivo à luz da razão intelectual nasce o domínio de si mesmo. Tales de Mileto (624/623 a.C. - 547/546 a.C.) sentenciava seus discípulos com a máxima: “conhece-te a ti mesmo e conhecerás todo o universo e os deuses, porque se o que procuras não achares primeiro dentro de ti mesmo, não acharás em lugar algum.”

Esta sentença não refere-se ao concreto, mas ao abstrato, ao que o ser deseja para si, saber, exatamente, o que quer para sua vida presente e futura. O mundo sempre será um lugar detestável para aqueles que não estão em paz consigo mesmos e muito pior para quem nega-se a compreender os outros a partir de uma auto investigação consciente. Quando ele diz que o homem que conhece a si próprio será capaz de conhecer todo o universo é que nada há de novo que esteja fora da compreensão humana. O que, de fato, impede o ser humano de alcançar a compreensão dos fenômenos naturais, conscientes e inconscientes que o acometem todos os dias é a sua preguiça de pensar. Quando o faz, segue uma linha que não exija muito esforço de sua parte e que o permita chegar às conclusões que já definiu como verdadeiras e certas.

Porém, este não é objetivo da filosofia enquanto uma ciência erudita que tem como objetivo promover o crescimento orgânico do ser humano. É junto com este desenvolvimento potencial, permitir a formação e a transformação da personalidade. É de uma ingenuidade que beira a sandice crer que o homem já nasce dotado de todo o saber que necessitará ao longo de sua vida e com uma bagagem científica. A este

respeito Morales (2001) reforça a fala aqui registra e diz que

Os indivíduos não nascem com uma personalidade. Esta se forma e é resultante da atividade dos indivíduos, da interação dos homens com o meio na medida em que este passa a assimilar as conquistas culturais da humanidade e o destaquem como uma unidade irreproduzível (MORALES, 2001, p.22).

Toda a essência humana tem sua característica mais forte fundamentada nesta condição, de ser única, irrepitível, marcada como um terrível conflito de interesses entre forças antagônicas, em que de um lado, configura-se o social e do outro o individual, em que pese sobre ambos a necessidade de garantir a formação psicológica dos seres em avanço e é até interessante falar nisto aqui, porque não há como retroceder, pode até ocorrer de ficar obsoleto, mas tal é originária da ação impreterível do tempo, não porque seja factível que caminhou para um fim que retrocede. E a professora María Del Carmen continua sua preleção dizendo que “na configuração da personalidade, o social transforma-se no histórico; o que confirma que o homem é portador vivo e ativo de sua história individual” (*Op. Cit.*, p.23), esta que o distingue entre seus pares e,

Neste processo vão se conformando as potencialidades sistêmicas y conscientes de regulação psicológica que se expressam na personalidade e permite ao sujeito fixar um sistema de informação pessoal comprometido emocionalmente que expressa sua continuidade histórica em sua inter relação com o meio (*Ibid.*, p.24).

Esta é uma tarefa que não é possível de ser realizada sem o devido amparo de um bom tutor. Caminhar em busca da construção da própria personalidade é um desafio a que poucos estão prontos para enfrentar e muito menos dispostos a alcançarem, porque o conhecimento e o domínio

de si estão, diretamente, vinculados ao conhecimento e domínio do outro enquanto ser psicológico. Se a Filosofia é capaz de promover tal advento ao indivíduo isto é outra crença fantasiosa que não se justifica, por si só. O máximo que ela faz é, por meio de seus atores, instigar o pensar e a produção de ideias amplas sobre o mundo que o cerca, visível, tangível, talvez mensurável e o mundo que se esconde até do próprio ser que supõe conhecê-lo.

Segundo Nietzsche (2008) o papel da educação é preparar o educando para a vida e para o processo de pensar por si só, ou seja, preparar o homem para se tornar *indivíduo* e, em sua concepção, tal significa ser autônomo. Esta missão já é um fardo por demais pesado, se consideramos o pensamento de Schopenhauer onde diz que

Ler e aprender são coisas que qualquer indivíduo pode fazer por seu próprio livre-arbítrio – mas pensar não. O pensar deve ser incitado como o fogo pelo vento; deve ser sustentado por algum interesse no assunto em questão. Esse interesse pode ser puramente objetivo ou meramente subjetivo. O último existe em questões que nos dizem respeito pessoalmente. O interesse objetivo encontra-se somente nas cabeças que pensam por natureza, para as quais pensar é tão natural quanto respirar – mas são muito raras; por isso há tão pouco dele na maioria dos homens do conhecimento (2000, p.259).

Pensar não pressupõe encontrar soluções para os problemas postos, cotidianamente, pela vida e pela ciência, ocorrendo, em vários momentos que aquilo que parecia ser uma solução ampla torna-se um dificultador do processo. Sendo assim o que seria, de fato o pensar científico? Poder-se-ia responder que é uma forma de problematizar o que parece simplório à vista do senso comum e elaborar uma busca acadêmica para tudo o que foge aos limites fáceis do desejo de dar resposta exata ao que não pode ser respondido de outra forma, se não, pelo estudo constante, profundo e sistemático.

No trabalho de orientação e ensino sobre os

caminhos a seguir com a Filosofia como uma ferramenta de desenvolvimento do pensar autônomo, crítico, pontual, deve-se seguir o pensamento exposto de Demerval Saviani (2005) de que este ensino deve ter a preocupação de formar o indivíduo, levando-os para além de suas potencialidades manifestas até aquele momento. Tudo isto para que todo o investimento não termine no ócio e “para que os alunos não apenas assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas aprendam o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação” (SAVIANI, 2005, p.09).

Esta é uma proposta que pode levar a construção de novos saberes, porém, jamais, será possível, por meio da Filosofia, pensar o ainda não pensado. Ela é uma ciência que debruça-se sobre o que já foi desdobrado, transformando o simples em mais simples, ainda, possibilitando a construção de um pensamento a partir de processos mentais superiores, discussões amplas e entendimentos menos obscuros sobre os valores que unidos levam à construção epistemológica da personalidade individual e coletiva.

Construir a personalidade individual embora pareça ser um objetivo e uma ação solitária, é uma tarefa social, porque os valores culturais vão, pouco a pouco, sendo introjetados no sujeito que, ao fim de um determinado tempo, tem-se a impressão de que sempre foi assim. Ainda que a adolescência e a juventude tenham como objetivos confrontar os axiomas impostos pelos mais velhos, esta atitude é tão somente uma ação que mais tem a ver com o momento e a fase desenvolvimental que mesmo com um desejo de criar uma nova ordem, porque sem a ordem dada, que ordem haveria de ser seguida? Sem um pensamento para ser pensado que significado teria a Filosofia e seu ensino pragmático?

Estas são questões, aparentemente, paradoxais para a Filosofia, mas são de uma simplicidade infinita, porque para haver confronto há que ter o que confrontar. Para que possa haver conflito há que existir o pensar e para que este seja tão natural quanto o ato de respirar, deve ser exercitado e, logo, como não poderia ser

de outra forma, somente quem pensa por livre e espontânea vontade tem condições de motivar outros a fazerem o mesmo com a devida fluidez.

O ensino de Filosofia a quem não está disposto a pensar o pensamento

O ato de pensar, em um entendimento filosófico, nunca foi uma coisa muito comum entre os seres humanos, uma vez que desde que nascem já são doutrinados para não questionarem a ordem cósmica existente. Com isto, os humanos são desde muito cedo, educados para serem figuras obedientes e submissas ao que existe em seu entorno. Considerando que pensar implica em ultrapassar os limites do que supõe-se ser verdade para encontrar uma resposta mais plausível, tal atitude é interpretada pela classe dominante (padres, professores, pais, pastores) como uma ofensa grave ao criador e aos mais velhos e mesmo dedicar a pensar sobre o que foi posto por eles já é considerado um delito, o que leva à culpa.

Disto tem-se que a negação de pensar o pensamento pelo indivíduo adolescente já é algo que está enraizado em sua configuração psicológica, advindo desta situação as resistências inconscientes ao que é posto em ação pelo professor. Se tal é fato e não se discute tais coisas na Educação Básica ou na Academia é porque, de igual forma, os professores sentem tal peso sobre suas formações humanas e ainda quando chegam aos seus respectivos espaços de trabalho em que os mais velhos já demarcaram território e não veem nem admitem a chegada de ideias inovadoras que confrontem com os modelos de paradigmas já postos.

Nos regimes totalitários o ato de pensar é assustador e combatido com as mais ferozes armas de que dispõem os regimentalistas. Josef Stalin (1878 - 1953) dizia que ideias são instrumentos muito mais poderosos do que armas e completava dizendo que uma vez que não permitimos que nossos inimigos tenham armas porque motivo deveríamos permitir que tenham ideias?

Com isto tem-se já que o ato de pensar não é uma coisa muito bem vista por aqueles que detêm o poder, não importa em qual nível esteja. Mas, daí surge a questão problematizadora: como despertar o prazer pelo pensar em alguém que por toda a sua vida foi limitado pela cultura castradora que o impelia para o não pensar ou no máximo para o pensar cristalizado e dirigido para os interesses de uns poucos, de modo a manter o *statu quo* das coisas?

Não é somente a filosofia que exige uma ampliação do pensamento comum para um posicionamento crítico das ideias. Ela é a ciência que mais debruça-se neste sentido, portanto, a atenção maior recai sobre seus ombros. E, ainda mais sobre o objeto ao qual destina sua ação educativa, no caso deste artigo, o jovem-adolescente cursista do Ensino Médio. Este que é uma figura que não possui muitas ideias profundas ou originais, ele é em sua maioria esmagadora, um rebelde que tem os pais ou o sistema ou a própria vida como objeto de amor e ódio, variando com a cultura com a qual identificou-se mais profundamente.

Isto gera uma necessidade do professor de conhecer as nuances psicológicas de seus estudantes e elaborar ações pautadas naquilo que mais buscam combater, algo que desperte e aumente o ódio contra seus objetos de confronto e guiá-los por um rumo em que chegarão a uma base de pensamentos que desperte-lhes o prazer de pensá-lo. Para tanto, há que ter professores que gostem do desafio de ensinar, que tenham nesta tarefa seu objeto de estudo dinâmico e a ousadia de poder romper aquilo que encontra-se o mais distante possível do pensamento concreto.

Com o advento das tecnologias da informação e comunicação (TIC's) em que *informações* circulam a toda velocidade e confirmação da sua veracidade e/ou falsidade nem mesmo é atestada porque a próxima notícia tem a sensação de maior agrado que a anterior e na necessidade de estar antenado com tudo que é novo provoca uma distração sobre o ato de pensar e tudo fica banalizado na sensação de conhecer os

fatos da atualidade, não importando sua procedência nem a extensão.

Ocorre que um fato só pode ser, devidamente, analisado quando observado do mais distante possível de seu ponto de origem. As cadeias de pensamento da história podem não atrair os jovens que desejam falar sobre os problemas atuais e tem professores que encantam-se com tais atitudes, mas isto é mais que uma quimera desvairada, porque se não compreenderem o que ocorreu nas épocas mais remotas, dificilmente poderão compreender como as coisas chegaram a tal ponto de acontecimento. Afrânio Peixoto (1938) afirma que os delinquentes do presente representam o espelho o qual refletirá as ações das gerações futuras. Os sofistas iniciaram um sistema de quebra de valores há mais de 2.500 anos e ainda hoje segue-se os mesmos moldes. Depois deles, o homem não aceitou mais acreditar nos seus deuses domésticos sem questionar (COULANGES, 2005). Mas eis que, em contraste com o posto na atualidade aceita-se a notícia da moda sem muito pensar acerca de seus fundamentos e se algum colega o faz ele é tachado de chato. Estão todos *plugados*, como se diz na gíria corrente, antenados com o que acontece no Brasil e no mundo, mas se questionar o que acontece com seus cérebros, o silêncio é sepulcral. Esta nova geração nada mais é que uma geração de *idiote savants*; sábios, porém, idiotas, porque incapazes de fazer a menor conexão possível com os fatos históricos. *Tudo é novo*.

Enfim, ensinar filosofia presume querer pensar o pensamento exposto e já pensado, porém, há sempre novas formas de confrontar os saberes dados como verdade. Para tanto, tem-se que selecionar para tais atividades os melhores professores, as melhores técnicas, os melhores livros, os melhores saberes para confrontar tudo aquilo que tem sido dado como verdades, uma vez que não há questionamentos em uma cultura que educa para o não questionar, ou seja, verdade posta é verdade dada. Alcançar a árdua tarefa de ensinar a pensar o pensamento passa pela premissa de romper com a cultura da aceitação

passiva do que é posto pelos mais velhos.

Considerações finais

Historicamente, a questão do pensar esteve ligada a uma oligarquia onde os filhos dos sacerdotes-reis e das famílias mais eminentes aprendiam a arte do pensamento a fim de conduzirem a cidade. É clássica a lenda do Rei Édipo ao qual é conferida a governança da cidade bem como a mão da rainha viúva, Jocasta por ter ele resolvido o enigma proposto pela Esfinge, que estava a matar a juventude da cidade de Tebas. O monstro que aterrorizava a pólis era a ignorância. Os jovens estavam sendo consumidos pela preguiça de pensar seus pensamentos e mesmo daqueles que os haviam precedido.

Na atualidade, com a criação de escolas e o ensino no formato massificado, tem-se o Ensino Médio como etapa final da Educação Básica e o momento escolhido para inserção do ensino da disciplina de Filosofia. Grave problema, porque a despeito de já terem uma bagagem cultural bastante infundida em suas conjunturas psicológicas, paradoxalmente, tal arcabouço teve o cuidado de impedir e mesmo de cercear o avanço do desejo de discutir as nuances do pensamento complexo. O próprio ato de pensar é por si, muito complexo, dependendo de ligações com outros campos epistemológicos para que possa ser realizado com segurança e satisfação pelo indivíduo. Não basta pensar por pensar; há que ter um planejamento, uma abordagem definida, *a priori*, acerca do que se pretende desdobrar a busca e aonde chegar com a profundização cognitiva e intelectual.

A filosofia é uma ciência que busca trabalhar estas nuances e inserir o ser humano nos campos mais profundos do saber científico, questionando não somente o porquê das coisas ocorrerem em determinados espaços e tempos, mas como seria se nas suas eras primevas outras ações tivessem conduzido o processo para rumos distintos.

Tem-se que pensar o pensamento é uma ação científica, porque necessita de um objeto a

ser investigado, um projeto que conduza todo o processo, um objetivo a ser alcançado e uma linha de raciocínio a ser seguida. Disto, destaca-se que falta amadurecimento para a Filosofia enquanto disciplina do ensino regular e ainda seria um tanto leviano dizer isto, porque o tempo do estudante de Filosofia difere do tempo do estudante de outras disciplinas que, por mais que exijam abstração, possuem uma resposta ao alcance da memória, coisa contrária à filosofia que as respostas para seus questionamentos situam na análise minuciosa dos processos históricos que marcaram a atividade social e individual humana. Porém, não é dando textos e ordenando a reflexão sobre os mesmos que poderá alcançar o nível de abstração intelectual necessário para um verdadeiro filosofar científico. Junto com a leitura do mundo, há que tecer uma análise e interpretação deste mundo lido, a fim de solucionar os conflitos internos e externos que compõem o estofamento humano. Uma vez iniciado tal processo de reflexão, a natureza racional ocupa-se de dar continuidade a todo o processo educativo. Mesmo que os estudantes do Ensino Médio não estejam tão interessados em ideias alheias passadas há que fomentar as discussões, no intuito de despertar o prazer pelo que há de novo não por descobrir, mas pelo que ainda pode ser imaginado, *a priori*, e criado, *a posteriori*.

Referências

- BRASIL. *Ciências humanas e suas tecnologias: Orientações curriculares para o Ensino Médio*. v. 3. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DIMENSTEIN, Gilberto; STRECKER, Heider; GIANZANTI, Alvaro Cesar. *Dez lições de Filosofia para um Brasil cidadão*. São Paulo: FTD, 2008.
- GRAMSCI, Antonio. Problemas de filosofia e história. Que é homem?. In: _____. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1966.
- HORN, Geraldo Bauduino. Filosofia no ensino médio. In: KUENZER, Acácia (org.). *Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2000.
- LIPMAN, Matthew. *A Filosofia vai à escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LUZ, Luiz Carlos Sacramento da; ESPÍRITO SANTO, Eniel do. O ensino de filosofia no ensino médio: desafios e possibilidades para a prática filosófica enquanto ação transformadora. *Revista Intersaberes*, Curitiba, PR. v. 7, n.14, p. 309 - 321, ago./dez. 2012. Disponível em: <<https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/326/198>>. Acesso em: 12 ago. 2016.
- MORALES, María del Carmen Fernández. *José Martí, Paradigma de Educador Social*. Tesis (Doctoral)-Instituto Pedagógico, Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona, La Habana, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. Wilhelm. *Escritos Sobre Educação*. Rio de Janeiro: PUC/Loyola, 2008.
- PEIXOTO, Afrânio. *Psicopatologia Forense*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Hunter Books, 2014.
- SAVIANI, Demerval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 9.ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2005.
- SCHOPENHAUER, Arthur. Aforismos para a sabedoria de vida. In: _____. *Parerga Und Pariloponema*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- VALLS, Álvaro. *A Filosofia no II grau*. Porto Alegre: Correio do Povo, 1983.